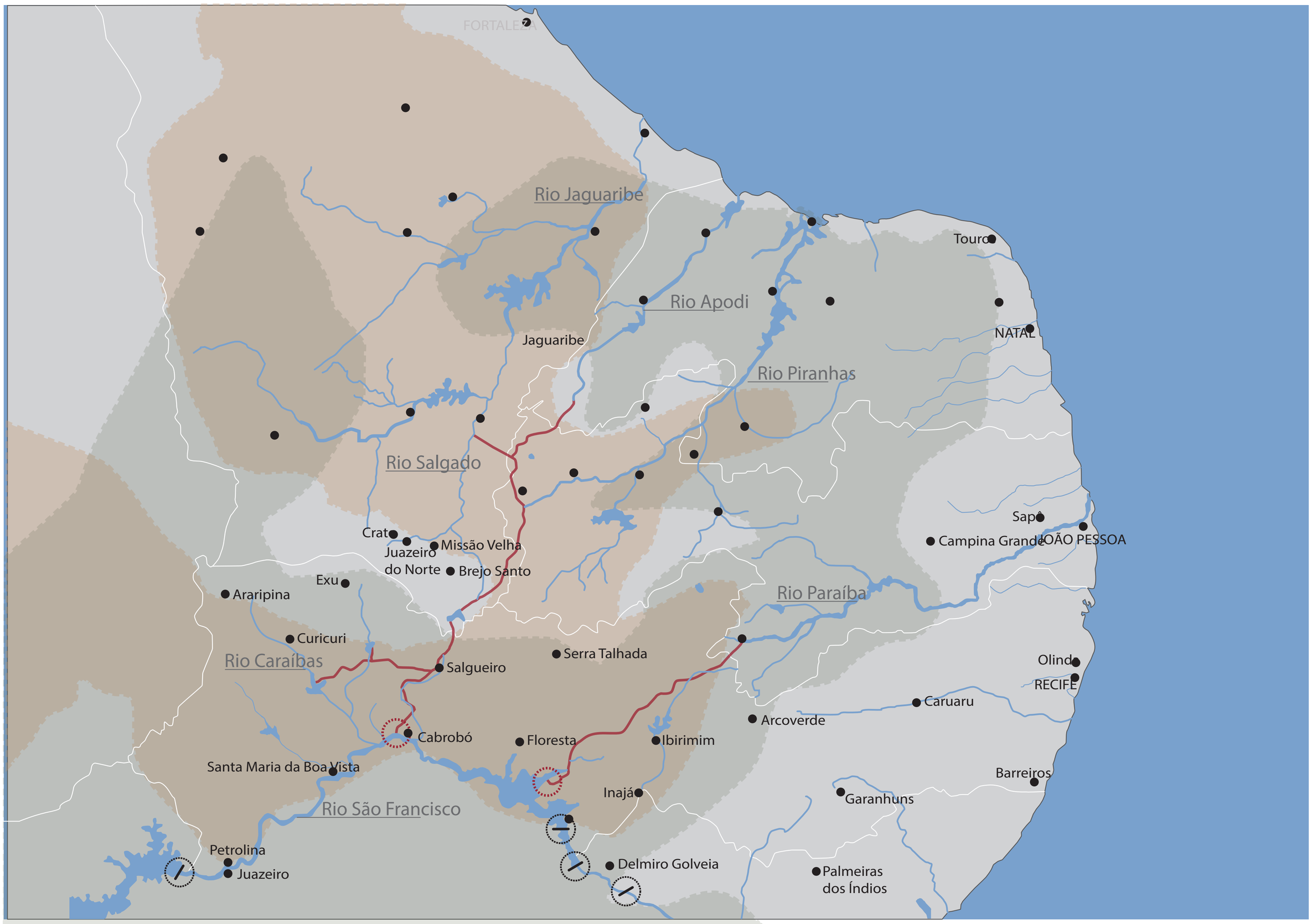
EV _ G25 - TRANPOSIÇÃO DO RIO SÃO FRANSCISO (OS EIXOS) E O PLANOS LOCAIS PARA O TERRITÓRIO DO SERTÃO NORDESTINO

QUESTÃO NORTEADORA

É possível vincular os eixos da transposição à outras formas de ocupação e manejo do solo no sertão/semiário, integrada à outros sistemas de disponibilização e outras políticas territoriais?



TRANSPOSIÇÃO EIXOS NORTE / LESTE | BOMBEAMENTOS | BARRAGENS | NÚCLEOS URBANOS | POLíGONO DAS SECAS - INPE | PRECIPITAÇÃO INFERIOR 700mm

1. Sertão nordestino e populações sertanejas

- Desigualdades econômicas internas do Nordeste - territorializadas: Semiárido X Zona úmida
- Condição geofísica do sertão nordestino marcada pela escassez e má distribuição das chuvas. Diferença em relação à outras regiões semiáridas do mundo onde a precipitação é ainda menor.
- Condição socioeconômica das populações do Sertão: ocupação da população de aproximadamente 10 milhões de habitantes do semiárido em atividades vulneráveis à seca - agricultura e pecuária. Dependência das medidas historicamente tomadas pelo Estado nos períodos de seca - limitações da ação estatal (incapacidade em alterar substancialmente a situação do semiárido) e interesses clientelistas de grupos políticos locais na manutenção da "indústria da seca". Estrutura econômica de base segregada em constante reprodução. (Furtado)
- Desigualdades internas do Nordeste - econômica e hídrica. Inexistência de déficit hídrico nos Estados receptores das águas da transposição em termos agregados (Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte). Existindo déficits locais e discrepâncias na distribuição dos recursos hídricos. (IPEA)

2. Eixo (Transposição do Rio São Francisco)

- Implantação dos eixos de transposição do rio São Francisco como projeto de integração territorial do nordeste semiárido. Retomada de projetos de transposição que existem desde o Império.
- Eixos da transposição como Planos de vetor de desenvolvimento, seguindo o modelo de desenvolvimento hegemônico do espaço intra-urbano brasileiro (Villaça). Desenvolvimento ao longo do eixo / Desenvolvimento nas pontas (origem e destino) - limites à integração territorial.
- A destinação de recursos hídricos, desalinhada de uma política de reforma agrária e outras reformas estruturais, deve acabar por reforçar o que existe como estrutura agrária e socioeconômica, acarretando a valorização de terras e limitando a destinação de recursos a pequenas propriedades.
- Objetivo e benefícios esperados: Atendimento das demandas hídricas da população da região; Amenizar os efeitos da baixa disponibilidade hídrica; Contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da região. (IPEA)
- Discurso oficial: segurança hídrica; abastecimento dos principais polos regionais (urbanos) - benefício à 391 município de 4 Estados. Foco nas cidades médias que apresentaram crescimento nas últimas décadas.
- "Além de ter apresentado a menor vazão entre as versões apresentadas até então, o Projeto no governo Lula propôs uma grande mudança em seu objetivo: com a severa seca ocorrida na década de 1990, tornou-se fundamental para a viabilização da transposição o argumento de se salvar cidades do semiárido que haviam crescido consideravelmente nas últimas décadas e se encontravam em um iminente colapso hídrico. Portanto, diferentemente de versões anteriores - como por exemplo a de 1984, cujo projeto enfatizava fortemente a transposição de um enorme volume de água para estimular a irrigação no semiárido -, nesta versão, o urbano ganhou foco, e o objetivo passou a ser o abastecimento principalmente de polos regionais, promovendo a "segurança hídrica" do rio São Francisco para essas importantes cidades sertanejas." (SARMENTO & MOLINAS, 2011, p. 2; REGO, 2017; TEIXEIRA, 2018; SOUSA, 2017)."

3. Locais

- Compreensão dos conceitos "Nordeste" e "Semiárido" apropriados pelos desígnios das classes dominantes no sentido político e bélico das forças de domesticação da agricultura latifundiária e indústria / colonização como vetor/seta, com uma ponta em direção à metrópole, levando para lá as riquezas extraídas da terra de maneira violenta, para onde está apontada a outra ponta do vetor = desterrando para se sustentar, terra negada à alguns.
- Política única versus o espaço de onde partem formas das populações caboclas de conviver, experimentar, enfrentar, e colaborar no ambiente cíclico do ambiente em exercícios experiências intergrupos. Relação de reciprocidade com as especificidades do clima
- Jogo escassez x fartura de água - binômio que justifica projetos faraônicos pela suficiência das experiências e trocas entre comunidades que estabelecem redes que multiplicam suas experiências

BIBLIOGRAFIA

CASTRO, César Nunes de. Transposição do rio São Francisco: Análise de Oportunidade de Projeto. IPEA, 2011.
SACCONI, Carolina Jessica Domschke. A transposição do rio São Francisco: Contradições da presença-ausência da obra ao longo de seu eixos. FAU USP, 2019.
SACCONI, LEITÃO, CARVALHO, MUNER. Transposição do rio São Francisco: planejamento intermitente e prática descolada da realidade. (Artigo, XVIII ENANPUR - Natal 2019)
AMORIM, Anália M.M.C.. Habitar o sertão. FAU USP, 2001
AMORIM, Anália M.M.C.. Por que os rios secam? (Artigo)
LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de Araújo. Disputas hegemônicas e contexto situacional: Construções de sentidos sobre a transposição do rio São Francisco. Universidade Federal do Pernambuco, 2011.
HENKES, Silvana L. As decisões político-jurídicas frente à crise hídrica e aos riscos: lições e contradições da transposição do Rio São Francisco. Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.
GUMIERO, Rafael. O Nordeste em dois tempos: a “Operação Nordeste” e a Política de Desenvolvimento Regional do Governo Lula. CEPAL, 2014. (Pós-graduação UFSCar mesmo título)
PAGANO, Luciana Maria Palma. Políticas públicas de poverty alleviation e a transposição do Rio São Francisco: A quem serve a transposição do Rio São Francisco?. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2012.
SILVA, Ana Carolina Aguerri Borges da. As águas do Rio São Francisco: disputas, conflitos e representações do mundo rural. Unicamp, 2017.
RIOS, Kênia Souza. Isolamento e poder: Fortaleza e os campos de concentração na Seca de 1932. UFC. Fortaleza, 2014.
RIOS, Kênia Souza. A seca nos atalhos da oralidade. Proj. História, São Paulo, 2001
Vídeos
Anália Amorim - Habitando a Barriga da Besta. Escola da Cidade, 2019
Rondinelly Medeiro - Sertão, Nordeste e o Semi-árido
Pensando com Celso Furtado. Realidade Brasileira